



CIDADES

Missão Cruls

Brasília, tudo por ti

“Quanto à minha opinião, formada desde já, é com a mais sólida e franca convicção que vos declaro que é perfeita a salubridade desta vasta planície, que não conheço no Brasil Central lugar algum que lhe possa comparar em bondade. A esta qualidade primordial do Planalto convem acrescentar a abundância dos mananciais d'água pura, dos rios caudalosos cujas águas podem chegar facilmente às extensas colinas que nas proximidades se vão elevando com declives suavíssimos.”

Luiz Cruls - Relatório Cruls, 1892

Depois de 15 dias de viagem, chega à cidade comitiva que refez o percurso dos desbravadores de 1892

RENATO ALVES

ENVIADO ESPECIAL



Os levantamentos do astrônomo belga Luiz Cruls só saíram do papel quando o mineiro Juscelino Kubitschek se tornou presidente da República. Pressionado por um movimento mudancista, que resistia no estado de Goiás, JK começou a fazer valer o artigo 3º da Constituição Federal de 1891, em 1956. Quatro anos depois — quase 70 anos após a Missão Cruls ter explorado a região —, Brasília foi inaugurada. Com os traços de Oscar Niemeyer e Lucio Costa, a cidade virou sinônimo de modernidade e esperança.

No começo da tarde de ontem, os pesquisadores da versão moderna da Missão Cruls desembarcaram na nova capital. Destino final da viagem de 15 dias e que tinha como objetivo divulgar a missão original e comparar o cenário de hoje com o de 111 anos atrás.

Aos 43 anos, Brasília conserva seu charme. Os jardins, os largos canteiros e a arquitetura suavizam o concreto dos prédios. Mas a capital começa a sofrer os males de qualquer metrópole. Mesmo com o título de patrimônio da humanidade, é vítima de diversos tipos de agressões. Moradores e comerciantes passam por cima das normas de tombamento com invasões de áreas públicas. Placas de publicidade são instaladas indiscriminadamente. O trânsito está cada dia mais congestionado.

O Distrito Federal, dentro de um quadrilátero com menos da metade do delimitado pela Missão Cruls e 2,1 milhões habitantes, sofre a ameaça da falta de água, mesmo sendo berço de três dos maiores rios brasileiros: Maranhão, afluente do Tocantins; Preto, do São Francisco; São Bartolomeu e Descoberto, do Paraná.

Situação que é agravada pela expansão dos condomínios residenciais, invasões de terrenos públicos e desmatamento para abertura de pastagens e plantações de grãos. Levantamento da Unesco, com base em fotos feitas em 2001, revela que a ocupação urbana no DF aumentou mais de nove vezes e as áreas agrícolas se multiplicaram 107 vezes. O cerrado perdeu 56,7% da vegetação nativa na região.

Os pesquisadores que refizeram o trajeto da Missão Cruls, saindo do Rio de Janeiro no último dia 11, tiveram uma mostra da ocupação desordenada quando passaram ontem pela manhã por Planaltina. A cidade — que era a Vila Mestre D'Armas quando a Missão Cruls passou por lá — hoje tem 150 mil habitantes. É a quinta ci-

Fotos: Wanderlei Pozzembom



PONTO FINAL

A MISSÃO CRULS MODERNA FOI RECEBIDA NO CONGRESSO NACIONAL PELO VICE-PRESIDENTE DO SENADO, PAULO PAIM: EXPOSIÇÃO DE FOTOS



RETRATO DA HISTÓRIA

SEU ERASMO É FILHO DE UM GUIA DA MISSÃO: “OS CIENTISTAS NÃO COMIAM NOSSA COMIDA”

dade mais populosa e também uma das mais violentas do DF. O ribeirão que deu o nome de origem do lugar, e serviu para abastecer os animais e homens da Missão Cruls, está sufocado pelo lixo e esgoto jogado pelos moradores ribeirinhos.

Do tempo que a localidade servia de escoamento do ouro retirado em Goiás, restou apenas um conjunto de casas centenárias, no centro histórico, bem conservado, que vale a pena ser visitado. A cidade guarda também a pedra fundamental da futura capital, construída em 1992 — nas comemorações do centenário da Independência.

Planaltina conserva ainda algumas de suas belezas naturais, como a Lagoa Bonita e a Cachoeira do Pipiripau, na zona rural. A cultura é preservada por manifestações religiosas, como a Folia do Divino, a Folia dos Santos Reis e a Via-Sacra, a segunda de maior

público no Brasil.

Um encontro inesperado para os estudiosos, em Planaltina, foi com o aposentado Erasmo de Castro, 73 anos. Ele é um dos 32 filhos de Viriato de Castro, que serviu de guia para a Missão Cruls durante sua estada na antiga Mestre D'Armas. “Meu pai contava que os cientistas não comiam nossa comida, nem bebiam da nossa água, porque diziam que aqui tinha muita doença”, lembra Erasmo.

Viriato tinha 13 anos quando trabalhou para a Missão Cruls. Morreu no começo da década de 70, vítima de Chagas, a mesma doença que matou 21 dos seus filhos. O médico higienista da Missão Cruls, Antônio Pimentel, detectou, em 1892, uma série de doenças nos moradores do DF. Ele destacou a sífilis e a Hanseníase. Descreveu sintomas de Chagas em algumas pessoas que consultou.

“O Relatório Cruls mostrou que aqui havia alguns probleminhas que poderiam aumentar com a migração descontrolada”, observa o médico sanitário da nova missão, Roberto de Melo Dusi, que trabalha para a Secretaria de Saúde do DF. Ele destaca que a malária não existia no século XIX. “Ela surgiu no DF após a temida migração desenfreada, principalmente nas localidades com habitação e higiene precárias.”

De Planaltina, os pesquisadores seguiram para Brasília. Ao entrar na capital, foram recebidos com honras de chefes de estado, com direito a escolta de motociclistas do Exército. O governador Joaquim Roriz, acompanhado de seu secretariado, recebeu a comissão à entrada do Palácio do Buriti.

Os integrantes da comissão entregaram ao governador uma carta em que pediam a construção da sede do Arquivo Público do DF, que hoje guarda de forma precária fotos e documentos da Missão Cruls. Roriz assumiu publicamente o compromisso de entregar o prédio até o fim do seu mandato. A área já está destinada, no Eixo Monumental, próximo ao Centro de Convenções. “Vou pedir ao Niemeyer para fazer o projeto”, disse Roriz.

A expedição foi encerrada oficialmente no Senado, onde os pesquisadores foram recebidos pelo deputado federal Inácio Arruda (PC do B-CE) e pelo senador Paulo Paim (PT-RS), vice-presidente da Casa. As fotos da antiga Missão Cruls ficam expostas hoje no Senado.

O REPÓRTER RENATO ALVES E O FOTÓGRAFO WANDERLEI POZZEMBOM VIAJARAM DE DOBLÓ ADVENTURE, CEDIDO PELA FIAT AUTOMÓVEIS.



Crônica da Cidade

CONCEIÇÃO FREITAS // conceicao.freitas@correioweb.com.br (cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)

O HOMEM DA RODOVIA

Quem sai do Núcleo Bandeirante em direção a Goiânia encontra, no quilômetro 7, um ancoradouro para as dores de todos nós — dores físicas, porque as d'alma são de atracadouro mais complicado. Chame o seu Antônio, diga o que está sentindo e ele vai lhe receitar uma garrafada — pra bronquite, asma, tosse, inchaço, dor nas pernas, insônia, coceira, feridas, pressão alta, prisão de ventre, inapetência, frigidez (que ele chama de fraqueza sexual), dificuldade para engravidar, pe-

dra nos rins, obesidade, manchas na pele, dor de garganta, dor nas juntas.

Faz onze anos que seu Antônio trabalha e vive à margem da DF-075. Castigado pelo barulho ininterrupto e desesperador dos carros e caminhões que vencem o asfalto em alta velocidade, o paraibano de Catolê adotou a pista como companheira para a solidão que já dura seis anos. A mulher, Custódia, morreu “de um negócio...”. Seu Antônio reluta, hesita, titubeia, tenta no novo eufemismo: “Aquele doença feia”. Só pronuncia a palavra horrenda quando não lhe sobra alternativa: “Câncer de mama”. Não sabe ao certo a idade que ela tinha quando morreu. “Tinha uma

média de 35 pra 45 anos”.

Tampouco, sabia ao certo a própria idade. Desconfiava que já tinha chegado aos 56. Feitas as contas, ainda está nos 55. “Quer dizer que ainda vou inteirar 56?”, perguntou, com jeito de quem tentar reordenar as idéias para acatar a nova idade.

Melhor ainda para quem está pensando em se casar de novo. Quer uma mulher “que faça uma comida, lave uma roupa”. No entender de seu Antônio, é essa a serventia do casamento, além, claro, de lhe aplacar a solidão. Só uma mulher pode tirá-lo da vida na beira da rodovia.

A algaravia de raízes, garrafas, casas

de árvores, sementes, folhas secas pede alguém com talento pra organização e limpeza. Seu Antônio só se importa com o marketing — e como se importa. Mesmo sem ter leitura, mandou escrever em letras graúdas, por todo o quiosque, o nome do estabelecimento e o número do telefone celular. Providenciou faixas com a lista das doenças para as quais oferece cura. Seu Corcel 1978, branco, e as duas bicicletas-cargueiras transportam letreiros com a propaganda das garrafadas curativas.

A ambição de seu Antônio é ver a propaganda de seu quiosque num jornal. “Como é que eu faço pra sair na folha e receber a folha todo dia? Nem precisa

ser toda a folha, só a parte que eu sair.” Demora um pouco até que seja possível decifrar o que ele quer. Quer um anúncio publicitário no jornal e quer receber o jornal todo dia pra ver a propaganda.

O menino Antônio queria ser policial quando crescesse. “Pro mode o estudo, não pude entrar na polícia. Até tentei lá em Campina Grande.” Talvez por isso, ele tenha pedido emprestado à nomenclatura militar o tratamento dado aos clientes: “Vai o que hoje, major?” Não lhe falam clientes o dia inteiro — caminhoneiros, motoristas e passageiros de carros que cruzam a rodovia, gente cheia de dores, que acredita na força da natureza para a cura de seus males.

